

OS USOS DE APP NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PAPEL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO PROCESSO DE RECONHECIMENTO DO LUGAR DE DISCENTE NO TEMPO E NO ESPAÇO

Pedro Henrique da Silva Paes ¹

RESUMO

Com o advento da tecnologia os indivíduos construíram novas relações com as dimensões das coisas. Os espaços e o tempo, nesse sentido, se tornam mais próximos e acelerado, respectivamente. Hoje é desafiadora a prática docente frente ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Assim se faz necessário se apropriar desses instrumentos para a formulação de metodologias que aproxime discentes dos conteúdos construídos na cultura escolar. Desta forma, é objetivo de nosso trabalho estabelecer reflexão em torno dos desafios que o campo do patrimônio vem enfrentando em meio ao desenvolvimento tecnológico e da ciência da informação. A partir disso podemos propor, com o auxílio de aplicativos de *smartphone*, metodologias ativas para o ensino de história que explorem competências de exploração do espaço urbano, de reconhecimento de suas várias temporalidades, assim como da formação cidadã.

Palavras-chave: Patrimônio, História e Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço onde existem intensas relações entre os vários sujeitos que a habitam. Mas, longe de ser um campo homogêneo, a cidade apresenta diferentes territorialidades que são demarcadas a partir dos interesses políticos e do alcance do poder daqueles que conseguem estabelecer sua força social (LEFEBVRE, 2011). Existe o território político, comercial, bancário, histórico-cultural e infinitas possibilidades. Nesse sentido, os bens reconhecidos como patrimônio cultural se firmam enquanto marcos que sugerem fronteiras entre o que deve ser preservado e descartado ou o que tem valor histórico e artístico ou não. Assim, em um mesmo espaço urbano várias temporalidades coexistem na medida em que a urbanização vai expandindo-se e artefatos arquitetônicos do passado vão sendo preservados.

Ao propor metodologias que proporcionem o aluno desenvolver o reconhecimento das várias temporalidades no espaço em que ele se situa, procuramos entender os locais como suporte de memória e da problematização histórica. Entendendo memória enquanto uma

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Ensino de Ciências Humanas em andamento pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE)- Campus Caucaia. Mestrando em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (E-mail: pedrohenriqueboris@hotmail.com).

faculdade mental essencial a vida em comunidade, importante para a formação cidadã dos discentes, firmando-se enquanto elemento vivo, dinâmico e que se manifesta de formas diferentes na vida cotidiana das gerações (ASSMANN, 2011). Nesse sentido, ao trabalhar com a categoria de local propomos inseri-la no campo de disputas da memória, reconhecendo os vários espaços de recordação tal qual identificou Aleida Assmann (2011); “locais de família”, “locais sagrados”, “locais honoríficos” e “locais traumáticos”.

Entretanto, segundo Zygmunt Bauman (2001), na sociedade contemporânea o indivíduo não cria sentimentos de pertencimento pelo lugar onde permaneceu durante significativo espaço de tempo. Segundo a perspectiva da “modernidade líquida”, em busca da liberdade, o indivíduo abdica da identidade construída em grupo e se torna produto adaptável aos seus anseios de existência, de lugar e do que realizar.

A tecnologia que conhecemos hoje foi influenciada por esta conjuntura, possibilitando a modificação de várias práticas humanas, dentre estas temos o próprio ato de viajar. Com o uso de GPS (Sistema de Posicionamento Global) e aplicativos em *smartfone* (*UBER, Moovit, Google maps, AIRBNB, Booking, TripAdvisor*), doravante *app*, as maneiras de se consumir determinado produto turístico foram transformadas significativamente. Promovendo certo distanciamento entre nativos e turistas, desde o contato simples ao perguntar qual transporte tomar até trocas de informações sensíveis ao espaço uma vez que o compartilhamento de interpretações de determinada obra de arte edificada, por exemplo, torna-se comprometido.

Contudo, como nos indica Michel de Certeau (2014), o ato de consumir promove uma transformação dos sentidos primários/ funcionais do objeto que se é consumido. Segundo esta perspectiva, os consumidores, enquanto sujeitos sociais inseridos na lógica capitalistas de produção, são ativos, criativos, racionais e produtor de uma realidade social definida por cotidiano. Nesse sentido, é possível subverter a natureza destes *app* para construir táticas de resistência aos instrumentos de controle presentes no espaço urbano. Entendendo táticas segundo a lógica do autor:

Em suma, *a tática é a arte do fraco*. Clausewitz o observa a propósito da *astúcia* em seu trata da guerra. [...] O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática (Certeau, 2014, p. 95) [Grifo Nosso].

Ao destacarmos o conceito de astúcia relacionado às operações dos dominados a resistência ao discurso oficial, procuramos associá-lo a nossa prática docente onde a utilização

de mapas é instrumento fundamental para o reconhecimento e georreferenciamento a partir de pontos de controle identificados pelos os edifícios que contribuem para a formação da narrativa histórica. Nesse sentido, discentes, sobretudo provenientes do ensino médio da rede pública, conseguem refletir as confrontações entre passado e presente, assim como, a partir de um olhar subjetivo, vão dando sentidos próprios ao espaço urbano.

Na medida em que trabalhamos com os mapas de aplicativos comuns aos *smartphones*, pedindo que os discentes identifiquem e localizem construções reconhecidas como patrimônio, possibilitamos que eles experimentem escolher percursos para sua própria trajetória, construir mapas mentais e reinventar a ordem urbana. Estas são operações executadas por aqueles que Michel de Certeau (2014) definiu como “caminhantes”, ou seja, aqueles que percorrem pelas vias urbanas com o olhar reflexivo e problematizador.

RECONHECENDO FRONTEIRAS E PLANEJANDO AULAS DE CAMPO PARA O ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE AS OPERAÇÕES DOS CAMINHANTES

Ao georreferenciar uma área tomando como padrão bens tombados, reconhecemos fronteiras territoriais instituídas por um trabalho técnico formalizado pelas políticas de preservação do patrimônio. Tudo o que está no interior do sítio histórico ou da poligonal de tombamento ² se torna lugar privilegiado, enquanto as que estão em seu exterior são marginalizados e não possui a mesma valorização.

Interpretar um mapa virtual que possui como base o Sistema de Posicionamento Global, a partir dele planejar seu percurso escolhendo os pontos que devem ser visitados e caminhar são operações de exploração do espaço. Estas operações devem ser exercitadas pelos discentes uma vez que reconhecer o espaço em que reside e a identidade que o define são formas de identificar o lugar que ocupa na sociedade. Para Yi-Fun Tuan,

A experiência tem uma conotação de passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. [...] Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência uma criação de sentimento e pensamento [...] (TUAN, 1983, p. 10).

² Delimitação estabelecida em torno de um bem tombado, garantido pelo Decreto-lei N° 35/1937 e objetivando-se conservar a visibilidade da construção e da paisagem cultural. É de responsabilidade do órgão que efetuou o tombamento delimitar os limites e parâmetros para intervenções na área preservada do imóvel tombado.

Assim, também entendemos o caminhar enquanto experiência fundamental para a construção de pensamento crítico e problematizador. Portanto, caminhar, ao mesmo tempo que tática de resistência a ordem urbana estabelecida (CERTEAU, 2014), é experiência produtora de aprendizado (TUAN, 1983). Nossa proposta é que os alunos tenham outra relação com o espaço para além do caminho entre a sua casa e a escola, percebendo e refletindo os vários referenciais entre esses dois pontos.

Procuramos relacionar a narrativa histórica com a utilização de representações cartográficas, em determinadas circunstâncias aliado também às aulas de campo. Propomos esta metodologia a partir da leitura de Yi-Fun Tuan (1983) que traz a experiência como fundamental no processo de exploração do espaço e ao induzir a reflexão que a linguagem verbal é mais adequada para narrar eventos passados do que para descrever relações espaciais. Para isso é necessário que os alunos estejam na posição central do processo pedagógico.

Após de aula expositiva sobre o processo de ocupação de determinado território ou o debate em torno dos vários sujeitos que ocuparam o espaço em determinado período histórico, por exemplo, podemos utilizar o serviço de mapeamento. Indicamos, principalmente, o serviço da empresa estadunidense *Google*. O serviço disponibiliza imagens de satélite de todos os lugares do planeta, com possibilidades de *zoom* e em algumas áreas a identificação de rotas e linhas do transporte público. Portanto, o *Google maps* possibilita uma facilidade de localização dos pontos de interesse e rotas de tráfego. Se utilizar desta ferramenta é dar a possibilidade de maior manipulação do que as outras representações cartográficas a partir do momento em que as interações entre a linguagem e o leitor são mais próximas.

Propomos assim, enquanto sequência didática, de duas a quatro momentos dependendo dos recursos que o professor se dispõe. No primeiro momento, após o trabalho com o conteúdo que se quer explorar, propomos perceber as transformações de representações cartográficas durante diferentes tempos históricos, possibilitando a reflexão do processo estabelecido entre o homem e o espaço. Assim, podemos recorrer aos vários mapas e cartogramas disponibilizado durante os tempos (ver na imagem 1 exemplos de diferentes formas de representação cartográfica).

Imagem 1- Representações da cidade do Recife em diferentes épocas



Fonte: GOOGLE, 2018

No segundo momento propomos uma atividade mais prática onde os alunos manuseiem o aplicativo do *Google maps* em seus *smartphones* para identificar e construir suas próprias trajetórias. É indicado também que o trabalho seja feito de maneira coletiva, onde o professor, projetando o mapa da região que se quer explorar, peça aos alunos indicar os pontos identificados. Assim, é esperado que se formem trajetória capazes de contribuir na reflexão das transformações que o espaço sofreu ao longo dos anos, comparando o que foi preservado e as novas construções da cidade.

As duas próximas etapas do processo pedagógico consistem no planejamento de aulas de campo e sua respectiva execução e avaliação. Nesse sentido, os alunos também participam do processo de planejamento uma vez que ao reconhecer os pontos que demarcam o território histórico-cultural acabam por estabelecer os limites e as rotas que devem ser percorridas. A intenção é pensar a prática da produção do discurso histórico e propor debates entre esses discursos e aquele construído em sala de aula. Segundo Viveiros e Diniz (2009), as atividades de campo são importantes estratégias na prática escolar, visto que permitem a exploração de distintos conteúdos e possibilitam aos alunos contato direto com diferentes realidades e proporcionam melhor compreensão dos fenômenos.

Imagem 2: Mapa dos Museus do Centro de Fortaleza.



Acervo: Google Maps [Adaptação]. 2017.

A proposta apresentada busca estabelecer relação entre a variedade dos discursos históricos produzido pela historiografia, livro didático, produtos culturais, museus e pelo próprio espaço urbano. Assim, podemos reconhecer o potencial educativo dos aplicativos que mapeiam a cidade, associando as inovações tecnológicas às diferentes formas de consumir o espaço urbano. Caminhar possibilita vivenciar os tempos históricos no espaço. Portanto, entendemos o lugar da cidade “como pausa na corrente temporal” e espaço onde se pratica a cidadania e forma afeição através do tempo que se define como dimensão fluida (TUAN, 1983, p. 198).

Ao se utilizar dos aplicativos de mapeamento os discentes tem a oportunidade de articular o espaço físico da cidade e o *ciberespaço* uma vez que além de ter a representação cartográfica, os alunos podem compartilhar informações sobre o local visitado ou pode ter acesso às informações compartilhadas por outros visitantes. Como outras redes sociais, *Instagram* ou *Facebook*, o Google hoje possibilita o intercâmbio de informações através da ferramenta *Local Guide*³. Nesse sentido, os discentes, além de se localizarem no centro do processo pedagógico, podem reconhecer seu potencial papel de produtor de conhecimento a

³ *Local Guide* é uma ferramenta utilizada em sintonia com o *Google maps*, onde nativos e visitantes podem compartilhar informações aos demais usuários que pretendem visitar determinado local. Podem ser compartilhado fotos e vídeos do local, avaliação com cinco níveis conceituais, respostas sobre a estrutura de “sim” ou “não”, comentários avaliativos ou descritivos, assim como narrativas históricas e culturais do lugar, retratando uma experiência pessoal ou baseada na memória social compartilhada pela comunidade daquela localidade. As informações compartilhadas ajudam a oferecer um percurso mais personalizado uma vez que ao salvar seus locais de visita, suas impressões, experiências, recebemos novas sugestões para visitar.

partir das informações que compartilha nas redes sociais e impressões que o despertam para a sensibilidade identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as diretrizes e orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio de 2018 indicam entre as habilidades a serem desenvolvidas o uso de novas linguagens. O discente, além de conhecer e saber utilizar o a língua portuguesa e a matemática, precisa estabelecer conexões entre os outros códigos que a vida moderna oferece. Nesse sentido, a tecnologia se firma como tema e metodologia transversal entre as várias áreas do conhecimento e disciplinas do currículo escolar que possibilita o aluno desenvolver competências em torno da apreensão da realidade e sua respectiva intervenção, assim como de suas relações interpessoais, visto que contemporaneamente também se estabelecem em meio virtual. Nossa intenção foi propor metodologias que possibilite o aluno ampliar seu repertório conceitual, sua capacidade de articular informações e conhecimento, bem como da sua capacidade cognitiva (BRASIL, 2018, p. 547).

Em tópico que discute as competências a serem desenvolvidas pelos alunos na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o documento apresentado aponta a articulação entre as categorias de tempo e espaço, afirmando que são difíceis de se dissociar e importantes para a compreensão de contextos históricos e culturais. O conceito de tempo trabalhado pela BNCC se traduz nas várias percepções culturais que ultrapassa a dimensão cronológica e se traduz nas próprias narrativas seja do contexto social ou das modificações do espaço.

Portanto, com a proposta, segundo nosso campo de visão e nossas leituras propõem, conseguimos atingir duas competências indicadas pela BNCC para o ensino médio; “2- analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder” e “6- Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BRASIL, 2018, p. 558). Já os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, nos indica:

O direito à memória faz parte da cidadania cultural e revela a necessidade de debates sobre o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos, situando-os nos “lugares de memória” construídos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que estabelecem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve se silenciado e “esquecido”. (BRASIL, 1998, p. 305-306)

Adotando os aplicativos de *smartphones* como recurso didático na prática docente de maneira responsável, o professor contribuirá na formação crítica dos alunos uma vez que temas ou conteúdos que se dão de maneiras mais abstratas poderão ser trabalhados de forma mais dinâmica e próxima ao cotidiano e das mídias utilizadas pelos alunos. Portanto, a partir das proposições indicadas em nosso trabalho procuramos estabelecer metodologias ativas que estimule o protagonismo dos jovens na produção de conhecimento.

Nesse sentido, os discentes refletiram sobre os papéis que desempenham na sociedade. Não se espera do aluno apenas a fixação de conteúdos próprios da história, em certa medida até da geografia, mas esperamos contribuir na sua formação cidadã a partir do momento em que ele reconheça que os espaços que ocupa, as memórias que definem sua identidade ou as linguagens utilizadas são compartilhadas por vários outros sujeitos que possuem os mesmos direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara e VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Por que visitar museus. In: Bittencourt, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras. 2008;
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Cultura e ensino de história na perspectiva das redes sociais e do ciberespaço. In: SILVA, Cristiani Bereta da/ ZAMBONI, Ernesta (Org.). **Ensino de história, memória e cultura**. Curitiba: Editora CRV. 2013;
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formar e transformações da memória cultural. São Paulo: UNICAMP. 2011;
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001;
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF. 1998 ;
- BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2018 ;
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Editora Difel. 1989;

CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP. 2015;

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Editora Vozes. 2014;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987;

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997;

FREITAS, Itamar. **Aprender e ensinar História nos Anos Finais da Escolarização Básica.** Aracaju: Criação, 2014.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica. 2015;

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade.** Lisboa: Letra Livre. 2012;

TUAN, Yi-Fun. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência.** São Paulo;

VIVEIRO, Alessandra Aparecida e DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em tela**, Volume 2 , Número 1, 2009;